

**Via de mão-dupla:
relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)**

**Two-way street:
Paternalistic Relation in Monte Alto Term
(High Bahian Backlands – 1890/1920)**

Danielle da Silva Ramos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir relações paternalistas entre fazendeiros e lavradores no termo de Monte Alto (alto sertão baiano) na conjuntura dos anos finais do século XIX e décadas iniciais do século XX. Ao estabelecer este recorte temporal, procuro perceber como as crises instauradas pela seca e o contexto de pós-emancipação, associada à estrutura econômica do alto sertão baiano, agiram para ampliar/romper essas relações. Desse modo, tendo como base o conceito de paternalismo do historiador inglês E.P. Thompson, busco analisar como interesses foram articulados entre esses sujeitos. Mostrando ainda que apesar das dificuldades enfrentadas cotidianamente os sertanejos mantiveram ativa a dinâmica socioeconômica no alto sertão baiano.

Palavras-Chave: Relação Paternalista, Monte Alto, E.P.Thompson.

Abstract: This article aims to discuss paternalistic relationships between farmers and for husbandmen in Monte Alto term (Alto Sertão Baiano) in the context of the final years of the nineteenth century and early decades of the twentieth century. By establishing this time frame, I try to understand how the crisis brought by drought and the post-emancipation context associated with the economic structure of the Alto Sertão da Bahia, acted to enlarge/break these relations. Thus, based on the concept of paternalism of the English historian EP Thompson, I try to analyze how interests were articulated with these subjects. In addition, showing that in spite of difficulties faced daily the hinterland remained active the socioeconomic dynamics in the Alto Sertão da Bahia Bahia.

Keywords: Paternalistic Relationship, Monte Alto, E.P.Thompson.

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

Introdução

...Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzada
Da cintura do sertão²
(Vida Sertaneja – Patativa do Assaré)

O chão social da vida dos sertanejos compõe-se como um verdadeiro “mosaico de cores e saberes”³ montado a partir de sua efervescente movimentação nas vilas, estradas, roças e fazendas. Nesses espaços, relações foram se firmando, negócios foram estabelecidos, informações trocadas, querelas resolvidas, solidariedade mantida, um emaranhando de práticas organizadas e reorganizadas cotidianamente. Mesmo em tempos de dificuldades, anunciadas pelas secas, essas vivências não foram abandonadas. As estratégias criadas pela população, sinalizadas nos estudos que se dedicaram aos sertões⁴, têm revelado o quão foram heterogêneas as práticas por eles construídas.

Nas décadas finais do século XIX, em meio a conjuntura de estiagem, migração dos sujeitos de vida mais modesta e medidas para manter a vitalidade socioeconômica no alto sertão baiano⁵, viu-se culminar o processo legal da extinção do trabalho compulsório. Especialmente no termo de Monte Alto⁶, essa medida e o tráfico

² ASSARÉ, Patativa. *Vida sertaneja*. In. *Cante lá que eu canto cá - Filosofia de um trovador nordestino Editora Vozes*, 1984. 15 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/se/noticia/17107-133>.

³ Frase explicitada por IVO (2012).

⁴ Tais como: Graciela Rodrigues Gonçalves (2000) e Maria de Fátima Novaes Pires (2009).

⁵ “Denomina-se Alto Sertão da Bahia o espaço construído historicamente pela população, consciente da identidade socioambiental, desenvolvida com vínculos de parentesco e de vizinhança, práticas comuns de lazer, religião, tradições, representação política, atividades econômicas, enfim usos e costumes, na convicção do pertencimento espacial e no sentimento de integração social conceituação está associado a uma identidade socioambiental, à convicção de pertencimento espacial e ao sentimento de integração social. Sem contornos precisos, o Alto Sertão da Bahia abrange o território angulado pelos rios Verde Grande e São Francisco, onde se estende a serra Geral, extensão da cordilheira do Espinhaço, com abrangência dos subvales das Rãs, Santa Rita, Santo Onofre e Paramirim, da bacia san-franciscana e São João, do Antônio, Gavião e Brumado, tributários do Rio de Contas.” (NEVES, 2012, p.17).

⁶ Este município, apresenta-se como um dos mais antigos da região, localizado no sudoeste da Bahia, sua história remonta ao século XVIII, período em que o português Francisco Pereira de Barros, adquiriu parte das terras anteriormente pertencente aos Guedes de Brito, denominando-as Riacho da Boa Vista. O marco inicial do que viria a se tornar a cidade de Palmas de Monte Alto, teve origem no ano de 1742, com o término da construção da Capela em Louvor a Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, dando origem

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
Volume 1, Número 1, pp. 79-96, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

interprovincial não provocaram um esvaziamento de ex-escravizados por ali. Ao agenciarem sua própria história⁷, esses sujeitos buscaram as mais variadas formas de sobrevivência, sobretudo ligadas a funções desenvolvidas no meio rural.

Possuindo ou não pequenas faixas de terra, lavradores, jornaleiros, agregados e diaristas teceram relações que dinamizaram as atividades socioeconômicas, e que permitiram superar muitas das agruras decorrentes da falta das chuvas.⁸ No entanto, como a estrutura agrária do alto sertão baiano apresentava-se, em grande medida, concentrada em latifúndios descontínuos (NEVES, 2005), pequenas e médias propriedades, os fazendeiros mais abastados viam-se com maiores recursos para superar os prejuízos causados pelas longas estiagens. Diante disso, a relação paternalista perpassou a vida de modestos trabalhadores sertanejos. Assim, como e quais interesses foram articulados por meio de relações paternalistas? Por outro lado, houve um rompimento dessa relação entre aqueles que viveram a experiência do cativo?

A partir das correspondências de cunho oficial e tendo também em vista a bibliografia da região,⁹ as contribuições deixadas pelo historiador britânico E.P.Thompson, são utilizadas na percepção dessas práticas, especialmente por direcionar seu olhar as experiências¹⁰ construídas por trabalhadores, “resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludita, o tecelão do obsoleto tear manual, o artesanato ‘utópico’.” (THOMPSON, 2004, p.13). Respeitando as especificidades temporais e espaciais, a concepção paternalista por ele definida é aqui adotada.

ao povoado que recebeu o nome de Sítio das Palmas, e um século mais tarde, em 1840, foi elevado à categoria de Vila.

⁷ Contribuições do historiador E.P.Thompson foram fundamentais para o reconhecimento da agência escrava, ver SILVA (2008, p.11).

⁸ Sobre suas definições, ver PIRES (2009).

⁹ Em especial, o livro *Fios da Vida*, da historiadora Maria de Fátima Novaes Pires (2009), que se debruçou sobre os caminhos perseguidos pelos ex-escravizados, possibilitando visualizar as ações construídas por/entre grandes proprietários e pequenos trabalhadores.

¹⁰ Termo norteador das análises de Thompson, sobretudo no entendimento sobre a constituição de classe social enquanto processo histórico, assim: “acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (THOMPSON, 2004, p.10).

Ver também: THOMPSON (1981).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
Volume 1, Número 1, pp. 79-96, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

Ao realizar uma minuciosa análise desse conceito, Thompson sugere que “paternalismo” apresenta uma visão das relações sociais “vista de cima”, designando ainda “calor humano, numa relação mutuamente consentida; o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial” (THOMPSON, 2011, p.30). Longe de representar esse caráter passivo, o historiador caracteriza-o como um termo descritivo frouxo, que “em seu uso propriamente histórico, portanto, seria mais importante identificar uma ‘multiplicidade’ de relações paternalistas” (NEVES, 1998, p.42).

Com esses apontamentos, norteadores desta proposta de pesquisa, pretendo percorrer nuances de relações sociais estabelecidas entre sujeitos de distintas classes sociais no que hoje constitui o município baiano de Palmas de Monte Alto¹¹.

Dos anos finais do XIX ao XX: notas sobre a constituição socioeconômica do alto sertão baiano

Destinados ao mercado interno ou externo, o cultivo, a circulação e o consumo dos produtos de *plantations* e também de economias menos centrais, mantiveram a vida socioeconômica do Brasil com singular efervescência. Na vigência das últimas décadas do governo imperial, segmentos da elite aspiravam medidas restritivas em relação à mão-de-obra escrava e exigiam maiores investimentos na infraestrutura do país¹², verificando-se em determinadas regiões a conversão de “parte das fortunas agrárias em dinheiro e em apólices públicas, o que insinua a diminuição do ritmo dos investimentos tradicionais” (FRAGOSO, 2009, p.161). Tal como percebido no alto sertão baiano com o constante fluxo de capital sendo aplicado em variados negócios (tropas, casas comerciais na “Bahia”, entre outros) mesmo em décadas anteriores à abolição, quando os investimentos estavam para além da mão de obra escrava. Talvez, por isso, é que diante da intensidade do tráfico interprovincial para as zonas cafeeiras, migração

¹¹ Localizado no sudoeste da Bahia, à distância de 840km da Capital, Salvador, o município contava com cerca de 20.775 habitantes, conforme o último censo realizado pelo IBGE.

¹² Caio Padro Júnior (1998), ver também: Celso Furtado (1999) e Fragoso (2009).

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

e prejuízos à produção com as recorrentes secas, a economia sertaneja continuava com fôlego.

O auge dessas transformações teria se processado no período republicano, com singular crescimento urbano ao lado das instalações e ampliações de estradas de ferro que, apesar de estarem centralizadas no Sudeste do país, foram construídas em outras locais. Na Bahia, além da ampliação de ferrovias, houve projetos para o desenvolvimento do transporte fluvial e abertura de estradas de rodagem. Investimentos que tinham por objetivo alavancar a economia do estado, já que o Sudeste detinha a atenção dos principais recursos na segunda metade do século XIX. Assim, “os rearranjos da República e do sistema de federação, que concediam diversas liberdades aos estados, coincidem com a formulação do primeiro plano ferroviário da Bahia [...], [que] deviam a apresentar as [...] mais necessárias e viáveis para o estado” (CUNHA, 2011, p.51).

Esse fomento atingiu o comércio do alto sertão, haja vista que parte de sua produção também foi escoada por ferrovias, a exemplo da Estrada de Ferro Central do Brasil, que “[escoava] toda a produção de algodão para os grandes centros industriais” (COTRIM, 2001, p.63). No entanto, mesmo havendo “estradas de rodagem diversas, sendo as mais importantes as que se comunicam com municípios do alto sertão e os vizinhos municípios de Jequiricá, Amargosa, Valença e Arathuype”¹³, a má condição de muitas delas até os locais de destino impusera dificuldades à circulação das mercadorias, especialmente dos gêneros produzidos na agricultura, base da economia brasileira, mesmo diante da crescente urbanização e industrialização vigente no país a partir da segunda metade do século XIX.

Na correspondência abaixo podemos observar de maneira mais detida nuances da produção em terras sertanejas:

O solo em geral é fértil, e contam terrenos próprios para diversas lavouras, como a da canna que produz excelente assucar, a do arroz que se pode considerar superior ao do Maranhão, e as do milho, feijão de

¹³ Descrição sobre Areias. Hemeroteca digital Nacional. Almanak, Commercial e Litterário do Estado da Bahia. Ano: 1889, p.570-571.

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

corda. Tudo isso se planta em pequena escala, só para as necessidades do município, porque os lavradores mais importantes perdem a safra nos seleiros, ou paióis, por falta de exportação, porque, sendo estes gêneros baratos em toda parte, e havendo-os, em abundância, nos municípios vizinhos, não convém transportá-los nas costas dos animais, com inúmeras, incomodas e excessivas despesas para vendê-los longe¹⁴.

A qualidade e diversidade da produção cultivada no alto sertão, apresentada nesse documento, reforçam a importância da agricultura na sua vida socioeconômica. A produção em pequena escala possuiu um peso significativo nessa economia, talvez por isso é apresentada como predominante, mantendo provavelmente o comércio e consumo local diante das dificuldades de comercialização, e do consequente estoque criado pelos fazendeiros. Além da condição das estradas, é informado que a abundância da produção de determinados gêneros na região, tornavam seus preços baratos, não sendo conveniente para o fazendeiro desprender de gastos com o alto custo do transporte para comercializá-los em outros locais, o que diminuía a intensidade dos negócios. Porém, apesar desses momentos de baixa na movimentação comercial, essa atividade possibilitou a aquisição de significativas somas de dinheiro.

De modo semelhante, esteve a pecuária. A criação extensiva e de pequeno porte utilizadas tanto para comercialização quanto para subsistência possibilitou ao sertanejo, especialmente aos que detinham números elevados do gado bovino, um constante envolvimento nos negócios da região e para além dela, sendo efetuado despachos de “boiada montando em 162 bois [...], ficando o resto p^a julho [...]”¹⁵. Em tempos de seca, essa atividade continuava, mas não no mesmo ritmo, pois:

A mortalidade do gado tem sido grande; o numero sobe mais de 60 entre aqui e o Mucambo.

¹⁴ APB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Administração. Correspondência recebida da Câmara de Monte Alto, maço: 1361, 14 de novembro de 1883.

¹⁵Correspondência enviada por Juca, em 1911, da fazenda Campos, Monte Alto, para a sua esposa Celsina Teixeira Ladeira, em Caetité. APMC. Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Série: Celsina Teixeira Ladeira (1905-1950). Maço(1901-1907).

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

Attribuo a mortandade não a falta d água, e sim, a falta de pasto e a rama murcha. Estão no Espinho os veterinários¹⁶.

Tais prejuízos não eram incontornáveis, percebemos que fazendeiros contavam com meios para preservar a criação. Para além da presença de veterinários, muitos tinham outras propriedades com disposição de aguadas e pastos, o que não podemos dizer para os pequenos criadores, que contavam com recursos bem menores. Assim, por vezes, não bastava apenas possuir a propriedade, sertanejos viam-se, diante dos custos da produção, obrigados a vender, arrendar ou até abandonar sua pequena propriedade. Havia ainda a dificuldade em adquiri-la, em especial para os que viveram sob o jugo da escravidão e viram ser implementada a Lei de Terras (1850), em que “a estrutura fundiária permaneceu inalterada, na dinâmica anterior de transmissão da propriedade e posse da terra, sem proporcionar facilidades de acesso a ela pelos escravos que se emancipavam nem pelos imigrantes” (NEVES, 2005, p.255).

A distribuição desse importante bem para o desenvolvimento das atividades econômicas do alto sertão foi adquirindo seus contornos no decorrer dos séculos, de uma extensa propriedade conquistada e doada pelo governo metropolitano ao mestre de campo Antônio Guedes de Brito, passou pelo paulatino fracionamento com partilha entre membros de sua família, com arrendamentos e ocupações de posseiros, em geral imigrantes de decantes zonas auríferas, que se instalaram na região, propiciando uma constituição fundiária caracterizada por pequenas e médias propriedades, contornadas por “latifúndios descontínuos” (NEVES, 2005).

Diante da mencionada conjuntura, uma população variada teceu arranjos que possibilitaram uma dinamicidade na produção e nas relações de trabalho. Se por um lado, os grandes proprietários tiveram à sua disposição a força econômica para seguir com o fluxo de suas atividades, de outro, temos sertanejos com uma vida bem mais modesta, que mesmo não contando com grandes cabedais, organizaram a sobrevivência de múltiplas maneiras. Muitos deles permaneceram em seu pedaço de

¹⁶ Correspondência enviada por Juca, em 1912, da fazenda Campos, Monte Alto, para a sua esposa Celsina Teixeira Ladeira, em Caetité. APMC. Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Série: Celsina Teixeira Ladeira (1905-1950). Maço(1901-1907).

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

terra, contando com a solidariedade de vizinhos, se envolvendo em distintos negócios para angariar mais recursos e se empregando em fazendas, que careciam de um maior número de trabalhadores, num quadro de baixa na mão-de-obra regional, afetada por migrações e constates deslocamentos da população mais remediada.

Trabalhadores pobres no pós-emancipação

A comarca municipal d' esta villa tem a subida honra de communicar a V. Ex^a que logo que recebeu o officio desta Presidência datado de 14 de Maio do corrente anno, no qual comunicava ter sido sancionada a Lei que aboliu a escravidão no Brasil fel = a publicar por editaes nos lugares mais públicos, e lhe é grato mencionar que a mesma Lei foi recebida por entre os applausos e alegrias de todos os habitantes do município.¹⁷

No termo de Monte Alto foi considerável a concentração da mão-de-obra escrava. Os estudos iniciais desenvolvidos pela historiadora Rosangela Figueredo Miranda¹⁸ têm revelado que o número de escravos distribuídos nas fazendas de Monte Alto pode alcançar números maiores do que encontrados em outras localidades do alto sertão baiano, como Caetitê. A pesquisa realizada por Miranda com “livros de notas de tabelionato inventários, livro de registro de nascimento e óbito” tem sinalizado a intensidade da mão-de-obra escrava naquela localidade. Nos inventários da família Barbosa, do ano de 1842, a referida historiadora identificou o arrolamento de “cinquenta e cinco escravos de diferentes nações e profissões, como escravo vaqueiro e tropeiro”. Três anos depois a mesma propriedade contava com “cento e dezessete escravos” (MIRANDA, 2013, p.04/06).

Essa e outras pesquisas desenvolvidas na região¹⁹, informam/sugerem que no pós-emancipação os ex-escravizados não abandonaram o alto sertão, mantiveram-se envolvidos na vida socioeconômica sertaneja:

¹⁷ APB. Seção de Arquivos Colonial/Provincial. Administração. Maço:1361. Correspondência remetida pela Câmara de Monte Alto ao presidente da Província em 8 de jul. de 1888.

¹⁸ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, desenvolve o projeto intitulado: “Dinâmicas de escravidão e da liberdade no alto sertão da Bahia: Vila de Monte Alto (1800 - 1888).

¹⁹ Maria de Fátima Novaes Pires (2009); Erivaldo Fagundes Neves (2012).

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

No vai e vem para “ganhar a vida”, ex-escravos trabalharam como agregados de seus antigos senhores ou de outros proprietários; empregaram-se como “jornaleiros” (diaristas), camaradas, ou ainda em diversas funções que incluíam artífices, serviço doméstico e costuras. Com aprendizados extraídos da própria vivência durante os anos de escravidão, enfrentaram com alguma vantagem as dificuldades para organizar a sobrevivência cotidiana (PIRES, 2009, p.99).

Considerando o desenvolvimento dessas distintas funções, temos a dimensão que a liberdade das “amarras do cativeiro” não atingiu de maneira homogênea a vida dos ex-escravizados. As experiências construídas foram diversas, por isso, ao analisarmos a correspondência que notifica a legal abolição do trabalho servil, enxergamos que o “13 de maio de 1888” não representou um marco separatista e antagônico entre “escravidão e “emancipação” ou “período da substituição do escravo (negro) pelo trabalho livre (branco e imigrante)” (LARA, 1988, p.25). Por outro lado, “Receber por entre aplausos e alegrias”²⁰ a notícia da sua extinção, não significou um ato de desligamento da vontade senhorial.²¹ O primeiro período republicano se vinculou ao gradual processo de emancipação dos escravizados, transcorridos no decorrer do século XIX. Como identificado em outros estudos, esse sentimento de euforia teria se restringindo àquele momento inicial.²²

No embalo desses debates que proporcionaram uma renovação na historiografia sobre a escravidão, tratando o escravizado como sujeito histórico, uma gama de trabalhos buscaram retratar suas experiências. Como exemplo, temos a singular pesquisa de Walter Fraga Filho (2006), ao se debruçar sobre variadas fontes documentais a fim de acompanhar as trajetórias de escravos e libertos entre os anos finais da escravidão e as duas décadas iniciais seguintes no Recôncavo baiano, o historiador demonstra os significados da liberdade na vida desses sujeitos, trazendo à tona múltiplas ações que foram por eles realizadas para se afirmarem como livres, se

²⁰ APB. Seção de Arquivos Colonial/Provincial. Administração. Maço:1361. Correspondência remetida pela Câmara de Monte Alto ao presidente da Província em 8 de jul. de 1888.

²¹ Ver PIRES (2009, p.181).

²² Ibidem, p.250 e ver: Wlamyra Ribeiro de Albuquerque (2009); Walter Fraga Filho (2006).

Esripturas

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

negando “a receber a ração diária, a seguir para o trabalho no canavial a trabalhar sem remuneração” (FILHO, 2006, p. 129).

No alto sertão, a pesquisa sobre essa temática tem começado a ganhar fôlego. A permanência expressiva do número de ex-escravizados e as relações construídas após a emancipação foram analisadas por Maria de Fátima Novaes Pires (2009) mostrando que “as redes de vizinhança e de parentesco (enquanto amálgamas de suas vivências) foram fundamentais para a conquista de condições mais adequadas à sobrevivência” (PIRES, 2009, p.11). Entretanto, para além dos laços mantidos e reforçados entre sujeitos de mesma condição social, outras experiências foram experimentadas por ex-escravizados, pois, como vimos, a liberdade foi sentida e conduzida de distintas maneiras.

Refletindo sobre esses apontamentos, destacamos que não pretendemos nos enveredar pelas diversas facetas do “ser livre”, mas apontar suas nuances em um contexto marcado por dificuldades advindas, dentre outros fatores, de uma forte estiagem que atingiu, sobretudo, a vida dos mais humildes, entre eles, os ex-escravizados. Essa situação, como verificada no Recôncavo baiano, pode indicar “que as dificuldades de subsistência diminuíram o poder de barganha dos libertos, no processo de negociação com os donos de engenho” (FILHO, 2006, p.151). Na correspondência abaixo, publicada no jornal “Pequeno Jornal”, em 03 de março de 1890, podemos visualizar aspectos dessa conjuntura:

Como sabeis, nestas quadras calamitosas, há uma certa classe pobre que geme soffrendo occulta as agonias da fome, com pejo de estender a mão a caridade publica, e esta hoje aqui é grande. Conheço famílias que tem 8 e 10 filhos e passam dias sem accender fogo em casa e seus chefes não tem recurso algum!

Roceiros, segundo tenho ouvido, tem passado e passam mezes sem farinha. As poucas roças de mandioca estão sendo roubadas de maneira espantosa, e até já houve um assassinato em uma; e o mesmo dá-se com as criações de toda espécie e já se fala em ataques pelas estradas²³.

²³ Hemeroteca Digital Nacional. Pequeno Jornal, 03 de março de 1890.

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

Mesmo não informando de maneira precisa se esses sujeitos eram ou não escravizados, podemos supor que a menção a “certa classe pobre” e “roceiros”, compunha-se também desses sujeitos. Para além de ressaltar as agruras por eles sentidas, o documento faz menção às práticas que se manifestaram diante dessa situação. Por um lado, o destaque para a caridade, como uma prática “grande”, pode ser vista como um meio utilizado por gente abastada para manter esses sujeitos sob seu domínio, o que não significa uma submissão ou aceitação, ao menos sob a ótica do proprietário, visto que “reagiram de diversas formas para manifestar insatisfação com as propostas apresentadas pelos ex-senhores e demonstrar quanto estavam distantes de suas demandas e expectativas” (FILHO, 2006, p.223). Por outro, a recorrência a roubos além de ser movida pela escassez de alimentos, talvez pode ter servido como meio de reivindicar ações mais energéticas e não ceder a tais vínculos.

Em meio a essas circunstâncias, não resta dúvida que os mais aquinhoados lidaram com a seca de maneira menos dolorosa que os modestos trabalhadores sertanejos, como bem sinalizou Graciela Rodrigues Novaes,

A escassez e o aumento de preços dos alimentos ao longo da ocorrência da seca possuíam um peso diferente à “pobreza” e ao “povo mais abastado”, fruto da desigualdade de acesso aos meios de sobrevivência. A destruição e queda de produção de alimentos provocadas pela estiagem acumulavam-se a uma rede de relações políticas e sociais (2000, p.52).

Assim, para os indivíduos que não contavam com a propriedade ou que não tinham recursos suficientes para manter a produção em seu pequeno pedaço de terra, não foi incomum recorrer aos mais abastados. É nesse cenário, composto por sujeitos que buscaram tocar a vida diante de múltiplas maneiras, que este estudo busca percorrer.

Proprietários e modestos trabalhadores: tecituras das relações no labor cotidiano

Tanto em tempo de bonança quanto naquele marcado por crises, especialmente em decorrência das secas, os sertanejos souberam compor arranjos que permitiram a

Esripturas

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

manutenção da dinamicidade socioeconômica do alto sertão. É certo, como vimos, que naquele contexto os que dispunham de melhores condições financeiras não sentiam as consequências das longas estiagens da mesma maneira que os modestos trabalhadores, assim como vem sendo evidenciado em estudos que se direcionaram a tal análise, como Graciela Rodrigues Novaes (2000) e Daiane Dantas Martins (2010), que trouxeram importantes contribuições para a percepção das práticas construídas enquanto a estiagem vigorava.

É importante ressaltar, que a abordagem desse fenômeno tem ganhado notoriedade a datar da segunda metade do século XIX, quando de sua intensa ocorrência em 1877/ 1879. Pesquisadores como Graciela Novaes (2000, p.34), consideram que teria sido nesse momento que a seca atingiu proporções até então não sentidas. Para outros, como Durval Muniz de Albuquerque (1995, p.116/118) em períodos anteriores houve fortes calamidades, assim parte da ideia que há um contexto histórico de crise e desagregamento das relações tradicionais que atingiram a sujeitos pobres e a elite, a partir do qual a seca foi inventada enquanto objeto de discursos e práticas, tornando-se um problema de repercussão “nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p.116-118; ALBUQUERQUE, 2012).

Essas visões, mesmo que distintas, dão pistas que permitem pensar nos (re)arranjos e negociações criadas a partir das dificuldades cotidianas. Com o alvorecer da República, tornaram-se mais intensas as ações de manutenção e/ou reforço do poder local. Diante disso, podemos afirmar que aos mais abastados, maiores proprietários de terras e/ou envolvidos em cargos públicos, recorreram, em grande medida, a ações que visaram a sustentação do poder:

Hoje que a secca com todo seu cotejo de horror assola todo o sertão d´esta Provincia levando a fome e o luto no seio das famílias, e que o governo procura socorrer as populações concedendo auxilio as obras de maior utilidade, a Camara Municipal implora de V. Ex[cia] a graça de concessão da quantia de dois contos de reis (2.000.000) para a conclusão da cadeia d´esta Villa, cujas obras já se achão em estado bastante adiantado²⁴.

²⁴ APB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Administração. Correspondência recebida da Câmara de Monte Alto, maço:1361, 13 de agosto de 1889.

Esripturas

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

O sofrimento sentido pelos habitantes do termo de Monte Alto, relatado nesse documento, ao tempo em que objetiva uma busca para ocupação daqueles que se encontravam sem trabalho, tem-se um reforço das práticas assistencialistas, pretendendo acelerar a obra e reforçar a “boa” imagem perante os sertanejos. Desse modo:

O estado, favorece a permanência das relações personalizadas e marcadas pela deferência/submissão, cujo reverso é a proteção em tempos difíceis. Relações recíprocas, portanto, embora desiguais, que tanto camponeses quanto proprietários entendiam ser obrigações próprias de suas posições na sociedade (NEVES, 1998, 54/55).

Verificando a atuação dos governantes sobre a realidade cearense em tempos de seca, Frederico de Castro Neves (1998), numa abordagem baseada na concepção de economia moral de E. P. Thompson, identifica que a partir da segunda metade do século XIX, é que “as autoridades se veem obrigadas, pelas circunstancias, a rever e institucionalizar as medidas de proteção a pobreza [...]: Distribuição de alimentos em larga escala, formação de canteiros de obras públicas” na capital e no interior. As circunstancias mencionadas pelo autor estariam vinculada à expansão da agricultura mercantil e ocupação dos latifúndios a partir da lei de terras de 1850, visto que anterior a esse quadro os sertanejos “podiam se deslocar até as terras mais férteis e até as fontes de água, com a permissão ou a ajuda do ‘coronel’ interessado em manter a sua ‘gente’” (NEVES, 1988, p.54).

No alto sertão baiano, percebe-se que a “obrigação” sentida pelas autoridades locais age sobre o reforço do poder político e econômico. Thompson (2011) também nos fornece importantes considerações, trazendo à tona a negociação de maneira calculada e consciente desses sujeitos: “Até a ‘generosidade’ e a ‘caridade’ podem ser vistos como algo calculado de apaziguamentos em tempos de escassez e como extorsões calculadas (sob a ameaça de motins). O que é (visto de cima) ‘um ato de doação’ é (a partir de baixo) ‘um ato de conquista’” (2011, p.54-55; 68-69).

Esripturas

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

No tocante à manutenção dos ganhos com os negócios realizados, lembramos que nos anos iniciais da República, os ideais de progresso e fomento de atividades econômicas estiveram disseminados pelo país, e, em terras sertanejas, a produção via-se prejudicada pela ausência de chuvas, e a comercialização de mercadorias pelas deficitárias vias de comunicação:

O emprego delles no emprego das obras da estrada de ferro central ou em outras estradas dando serviço a muita gente facilitaria também o transporte de mantimentos e de serviços²⁵.

A comissão, tem, finalmente, a honra de informar a V.E^a, que a comarca visinha, a de Monte Alto, está igualmente flagellada pela secca sendo essencialmente creadora de gado, com que suppre os municípios visinhos, torna-se ali urgente a construção de açudes que serão ali de inestimável e immediata vantagem²⁶.

Se para os proprietários de terra, as crises trouxeram prejuízos, por outro foram marcadas por práticas que visaram a manutenção/fortificação de relações que viessem a atender seus interesses. Relações gestadas com sujeitos de vida mais modesta, tanto pelos ex-escravizados quanto àqueles que não vivenciaram as agruras do trabalho servil, não sendo menos necessárias com as articuladas entre representantes do governo. Na correspondência a seguir podemos inferir aspectos dessa relação:

Em vista da gravidade excepcional que tem assumido a emigração de nossos munícipes para o Estado de São Paulo urge que o Governo tome medidas enérgicas a fim de sustar a corrente emigratória que tende diariamente a aumentar, estando essa zona invadida por agentes de fazendeiros com mira em pingues lucros que auferem, alliciam os nossos patrícios com contractos fallazes e condul-os para S.Paulo.

As nossas povoações estão transformadas em um verdadeiro mercado de carne humana.

É de notar que entre os aliciados tem ido grande quantidade de crianças que são preferidas pelos alliciadores porque são com mais facilidade

²⁵ APB. Seção Colonial e Provincial. Presidência da Província, Seca. Maço:1608. Correspondência remetida pelo juiz de direito da Comarca de Caetitê ao Presidente da Bahia em 05 de fev. de 1889.

²⁶ APB. Seção Colonial e Provincial. Presidência da Província, Seca. Maço:1608. Correspondência remetida pela Comissão de Socorros Públicos ao Presidente da Bahia em 16 de mar. de 1889.

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

dominadas em verdadeiros captiveiros a que vão ser reduzidos segundo consta.²⁷

Com a seca que se abatera no início da década de 1890 e em outros momentos, muitos sertanejos buscaram em outros lugares melhores condições de vida.²⁸ Esse movimento, marcado pela presença daqueles que não detinham maiores bens, sugerem uma alteração nas relações que se conformaram, seja com vizinhos e parentes, seja com sertanejos de condição econômica superior. Desse modo, se pensarmos, sobretudo, nos distintos significados da liberdade sentidas pelos ex-escravizados, podemos supor que para além da manutenção da relação paternalista, pode ter ocorrido seu rompimento²⁹. E, estando esses e demais sujeitos seguindo outras direções, certamente para servir de mão-de-obra na produção cafeeira paulista, já que se faziam presentes no alto sertão “agentes de fazendeiros”, elevava-se a preocupação das autoridades locais com o aliciamento por eles realizado. Provavelmente, a urgência no pedido para conter a “corrente emigratória”, advindas de falsas promessas, esteja associado também à perda de trabalhadores e/ou eleitores.

Além de trabalhadores adultos, é documentado nas fontes a procura por grande quantidade de crianças, também conduzidas para São Paulo. Sobre isso podemos levantar algumas indagações: seriam essas crianças vendidas/dadas por famílias que se viam sem condições de criá-las? Desenvolviam nas sedes das fazendas atividades domésticas ou nas lavouras? Também se destinavam ao meio urbano? Ficariam sob a tutela dos fazendeiros? Mesmo não podendo responder a essas questões, elas nos fazem refletir sobre o quão diverso foram os rumos tomados pelos sertanejos. Chegar a um lugar desconhecido, provavelmente, também foi marcado por dificuldades, os contratos estabelecidos para prováveis obrigações que deveriam ser por eles

²⁷APB. Seção de Arquivo Republicano. Secretaria do Governo. Caixa: 1826; Documento:1961. Correspondência remetida pela Sala do Conselho Municipal de Caetité ao governador da Bahia em 14.de fev.de 1892.

²⁸ Sobre as distintas motivações da migração, ver: ESTRELA (2003).

²⁹ Mesmo no período de vigência da escravidão, Douglas Libby (2008, p.34) destaca que a relação paternalista não se manteve constante, uma vez que escravos não ficavam no espaço da propriedade do senhor, mantendo o equilíbrio entre direitos e deveres, extrapolavam os limites impostos pelo senhor, o que levar a concluir que “o paternalismo foi um jogo nunca vencido pelos senhores, pela simples razão de que os cativos nunca cessaram na sua luta pela conquista de espaços adicionais”.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 79-96, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

cumpridas: pagamento do custo da viagem, tempo mínimo de trabalho e condição de sobrevivência, podem confirmar esse apontamento. Entretanto, talvez eles não foram cumpridos, ações devem ter sido construídas em meio a este cenário.

Enquanto proprietários tocaram e reforçaram seus negócios, os trabalhadores que “se empregaram, principalmente, nos trabalhos da lavoura e nas lidas com o gado, através de contratos temporários, ‘alugados’ /diaristas, meeiros ou, de modo mais permanente, como agregados ou sitiantes”³⁰, encontraram formas de superar a situação vivenciada, entendendo, que podiam exigir direitos básicos de sobrevivência, seja pela via da doação de alimentos, seja pela aquisição de empregos. Entretanto, neste texto, não podemos apresentar de maneira profunda sobre os meios que cada trabalhador utilizou, mas com base nos indícios apontados pela historiografia e aqui fornecidos, sabemos que, nessa relação desigual, como nos informou Frederico de Castro Neves (1998), eles teceram suas práticas de maneira ativa.

Considerações Finais

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos sertanejos, advindas também das inconstâncias climáticas, elas estiveram longe de ocasionar um esvaziamento e paralização nas atividades sertanejas. Enquanto os pingos da chuva não tocavam o chão republicano do alto sertão e o verde não coloria a paisagem, seus moradores se moveram em busca de melhores condições de vida, alguns para lugares distantes, outros permaneceram e tocaram suas vidas adiante. Aos proprietários, gente envolvida com o poder local, o momento foi de construir ações e relações em que benefícios fossem conseguidos, que culminassem no fortalecimento político e econômico. Aos modestos trabalhadores, também estavam em jogo a conquista de benefícios, meios de permanecer em seu lugar. No entanto, como muitos viram-se “livres” a partir do final do século XIX, os meios de sobrevivência também foram procurados para além das fazendas sertanejas. Assim, independente do espaço e das relações firmadas entre

³⁰ PIRES (2009, p.259).

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

esses sujeitos de classes sociais distintas, os interesses não foram construídos somente por uma única via.

Referências

ASSARÉ, Patativa. Vida sertaneja. In: **Cante lá que eu canto cá - Filosofia de um trovador nordestino**. Editora Vozes, 1984. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/se/noticia/17107-133>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, p. 111-120, 1995.

_____. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COTRIM, Dário. **Breves notas sobre a origem do município de Guanambi**. Belo Horizonte: Plurarts, 2001.

CUNHA, Aloísio Santos. **Descaminhos do trem**: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976). Dissertação de Mestrado Salvador: UFBA, 2011.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros**: cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, Fapesp, Educ, 2003.

FILHO, Wlatter Fraga. **Encruzilhadas da liberdade**: história de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Ed. 29ª, 1999.

FRAGOSO, João Luís. O Império escravista e República dos plantadores: economia brasileira no século XIX, mais do que uma plantation escravista-exportadora. In. LINHARES, Maria Yedda (org.). **História Geral do Brasil**. Editora Campus. Ed. 9ª, 2009.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. **As secas da Bahia no século XIX: sociedade e política**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2000.

IVO, Isnara Pereira. **Homens de Caminho**: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII, Vitória da Conquista: edições UESB, 2012.

Esripturas

Ramos, Danielle da Silva
Via de mão-dupla: relação paternalista no termo de Monte Alto
(Alto Sertão Baiano – 1890/1920)

JUNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense. Ed. 43º, 1998.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história social do trabalho. **Projeto História**. N.16, fev., 1988.

MARTINS, Daiane Dantas. **Um flagelo no sertão baiano**: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalo/Xique-Xique). Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2009.

MIRANDA, Rosângela Figueiredo. Trânsitos culturais de poder local, tráfico interno de escravos e liberdade no alto sertão da Bahia, no período de 1840 a 1888. In. **XXVII Simpósio Nacional de História**, Natal –RN, 2013.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Estrutura fundiária e dinâmica mercantil**: Alto Sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2005.

_____. **Pecuária, Policultura e escravidão no alto sertão da Bahia, século XIX**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

NEVES, Frederico de Castro. Economia moral versus moral econômica (ou: o que economicamente certo para os pobres). **Projeto História**, São Paulo, 16.fev. 1998.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da vida**: Tráfico Interprovincial e Alforrias nos Sertões de Sima – Ba (1860-1920). São Paulo. Annablume, 2009.

SILVA, Eleonora Félix. E.P. Thompson e as contribuições para História Social e os estudos sobre escravidão. In: **XIII Encontro Estadual da ANPUH-PB: História e Historiografia**, Guarabira (PB), 2008.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Esripturas